

## RESENHA

01. GOMES, Roberto. Crítica da Razão Tupiniquim. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.

02. Assunto Eixo: Crítica ao não pensamento crítico do brasileiro.

2-1. Relativizações: O livro mostra, implicitamente, o jogo triádico. O comportamento do grupo oficial, conservador, continuista e retrógrado. A criação e o trabalho do artista e do filósofo marginal (antioficial). O conformismo, piadismo do povo brasileiro em geral, que faz piadas da sua sem importância (subgrupo oscilante que é 80%).

O.3. Resumo por capítulo

I - Do Título - Pág. 9

O autor fala do título: diz que não havendo uma razão tupiniquim, nem mesmo o título existiria. Não existindo uma razão, uma filosofia brasileira precisaria ser providenciada. Existe felicidade de se inventar piadas mas quando se trata de uma filosofia nossa, mergulhamos de escafandro greco-romano, sem sermos gregos ou romanos, O jeito piadístico, que deveria servir de crítica, para analisar a realidade brasileira, perde-se em pura distração. Mata a atitude crítica.

II - A Sério a Seriedade - Pag. 12

Fulano é um homem sério ou fulano leva a sério o seu trabalho? O autor questiona a seriedade. Diz que o dito homem sério cuida em parecer um homem sério nas aparências, a serviço de uma máscara social. Isto acontece também com os ditos filósofos brasileiros. O grupo oficial discute filosofias estranhas à nossa realidade, mas o que importa é a maneira como falam expressão de uma classe privilegiada diante de uma multidão analfabeta, enquanto que o artista, o filósofo marginal, é rotulado de louco, por não se preocupar com o sério das aparências, embora sério em levar seu trabalho a sério.

Comenta que o filósofo não é o que muitos pensam ser, um homem de muitas idéias: o filósofo é um homem de uma idéia só.

III - Uma Razão que se Expressa - Pag. 21.

A expressão de uma razão só se dá quando se descobre em determinada posição assumindo seu momento histórico. Temos que chegar à origem do problema do Brasil, descobrir o Brasil, porque um problema para um alemão do séc. XX ou um grego do séc. V a .c. pode perfeitamente não ser um problema para mim.

A filosofia Grega não é mais que um auto-exame, um strip-tease cultural que a razão grega realiza de se mesma.

Cabe à razão brasileira, despirmo de todas as artificialidades verificando sua real posição.

Ver, envolve um ato de seletividade, e só vejo de minha posição (qualquer verdade só será minha se eu fizer dela minha verdade).

Não existe uma filosofia brasileira à nossa espera, ela urge ser inventada.

Não tiramos as máscaras por medo de descobrir a nudez.

#### IV - Filosofia é Negação - pág. 29

O passado é lição para se meditar, não para reproduzir (Mário de Andrade).

A crítica é algo a ser assumido, ter uma posição. Entretanto, encontramos um meio termo para tudo. Nossa tendência é evitar o choque de idéias e as tomadas de posição. Muitas vezes, políticos são elogiados por ter este poder de sempre encontrar um meio termo conciliatório.

No meio não está a virtude mas sim, o medíocre. Não assumindo nossa posição, um pensar brasileiro torna-se impossível. Qualquer conhecimento inicia sendo negação, contestação ou seja, essencialmente crítico.

#### V-. O Mito da Imparcialidade - O Ecletismo

O autor continua falando a respeito da nossa atitude: "Consiste em evitar oposições e dissolvê-las, ao invés de enfrentá-las e resolvê-las".

O espírito da dúvida, para a filosofia, é a essência do pensamento. "A corrente eclética representa o primeiro movimento filosófico plenamente estruturado no Brasil".

O ecletismo crê que "verdade" pode ser o resultado de um amontoado de inúmeros pensadores aproveitando, de cada sistema, o melhor. Com isso, estamos supondo que realmente teríamos um espírito esclarecido, não dogmático. Fica claro neste mito que ainda não criamos qualquer posição filosófica nossa, damos variadas mostras de imaturidade intelectual e hesitação em assumir um ponto de vista que nos permita uma síntese original. É reflexo da dependência cultural que desde sempre nos acompanha.

Questiona-se quanto ao Brasil ser um país jovem ou apenas infantil, dependente, que precisa que outros pensem por ele. (Medo de desligar-se da cultura européia).

#### VI. O Mito da Concórdia: O Jeito.

Todo país que entrou num processo revolucionário e porque não soube descobrir o "jeito" de evitar coisas tão desagradáveis. O Brasileiro se sente estúpido quando alguém o apanha crendo, seja em política, filosofia ou religião. Com o espírito conciliador, sempre damos um jeito de ficar com um pé atrás. Se quisermos sair do bolor universitário e acadêmico, a filosofia precisa realizar entre nós, a conquista de cidadania crítica.

Radicalizando nossa posição quanto a isso, não há como dar um jeito.

#### VII - Originalidade e Jeito.

Quando nos limitamos a analisar as superfícies, nossa atitude é de tolerância e de abertura intelectual. Os intelectuais brasileiros tem a crítica dirigida contra pessoas e não contra idéias, Somos incapazes de conviver com pessoas que discordam de nossas idéias, mas somos capazes de conviver com vários autores e obras, adotando todos com o mesmo entusiasmo. Sem crítica, qualquer esforço do pensamento estará a serviço da razão ornamental.

## VIII - A Filosofia Entre Nós.

O pensamento brasileiro mais do que criativo, é assimilativo, ao invés de abrir novos rumos, limita-se a assimilar e a incorporar o que vem de fora.

Existem autores de obras filosóficas entre nós, mas não filósofos brasileiros, praticando nossa filosofia.

## IX - A Razão Ornamental

É dizer palavras bonitas, servir-se de ornamentos, como o tema e a gravata, cuidar do status, manipular palavras com especial esmero.

Todos os autores que cuidam da razão ornamental visam ser eruditos mais em filosofias estrangeiras, voltando-se para o que ocorre em Paris, Berlim ou Nova York.

Assim não somos conhecedores de nós, mesmos, nem dos outros. Os outros levam vantagem sobre nós: são eles próprios. Desejamos ser conhecidos pela mãe Europa, em nossa edipiana e mórbida dependência afetiva e intelectual. É possível que a razão brasileira continue sendo vítima da razão ornamental.

## X - A Razão Afirmativa.

A estrutura das idéias filosóficas do Brasil foi influenciada por duas correntes: o ecletismo (miscelânea de autores) e o positivismo (teoria de Augusto Comte, baseada na, ciência natural, experimental, monádica: "para cada questão há só uma resposta verdadeira; para cada problema uma só solução).

A razão afirmativa visa perpetuar o pensamento da classe dominante sem ser questionada e, muito menos, combatida, porque ela é a única certa".

## X - Razão Dependente e Negação.

O pensar latino-americano e particularmente o brasileiro, se encontram presos às importâncias que só importam para os europeus e norte-americanos.

SÓ na tragédia nasce a filosofia; não há lugar para conciliação. É preciso utilizarmos o pensamento crítico e assumirmos nossa posição, deixarmos de ser deslumbrados com aquilo que mal conhecemos, a América do Norte e a Europa.

## 4. Crítica.

### 4.1 - Ao método de exposição:

O método usado pelo autor é indutivo-argumentativo, de lado esquerdo. Aparece na livre associação de idéias e na ironia. Por não apresentar propostas, nem fatos, experiências, planos, omitiu seu lado central prático.

4.2. Teorias implicadas. O autor não tem nenhuma alusão de que os brasileiros usam mais o hemisfério esquerdo que o direito e o central.

4.3. Nível de linguagem: Popular. Não usa Quadro de referência. Não é técnico.

4.4. Estilo de comunicação: crítico, fluente, agradável, repetitivo. Seu grupo natural é negativo.

5. Crítica do resenhista quanto ao assunto tratado: Considero-o muito importante e tem que ser analisado, questionado a fundo. Ficou restrito aos subsistemas 04, 07, 12, ignorando todos os outros subsistemas por não ter uma cosmovisão sistêmica. A obra me pareceu diádica, tratando de dois grupos de escritores: o grupo oficial estação repetidora da monolética; e o natural, estação repetidora da dialética européia. Não trata da dinâmica-pessoal (psicológica) da dinâmica de grupo (política e poder) de sobrevivência (trabalho, economia) e dinâmica universal (religiões, espiritualidade).

Se nos subgrupos oficiais civis e religiosos o fisiologismo filosófico é a regra, podia admitir que pelo menos as esquerdas tem algum pensamento crítico popular, com Paulo Freire, e pensamento filosófico dialético, com Marilene Chauí.

A Frente-oeste nos apresenta instrumentos e métodos de análise. A partir de qualquer fato temos como analisar e chegar a uma visão maior da realidade, a uma cosmovisão. Mas se não passarmos da teoria para a prática, nosso conhecimento se tornará morto e sem importância. É preciso que acreditemos em nosso potencial e a partir do momento que assumirmos nossa realidade começemos a projetar, a criar uma força dentro do nosso conceito de processo brasileiro. Se analisarmos bem o grupo oficial, veremos que seu conceito do real não é bem a realidade dos três subgrupos e das regiões do Brasil.

O grupo oficial do Triângulo das Bermudas Brasileiro, não tem interesse em discutir assunto como o que é discutido no livro, visto que seu interesse é a exploração pela falta de auto-reflexão. Esta realidade não é só nossa, mas de todas as colônias do terceiro mundo.

06. Citação de frases com indicação de pág. e cap.

Uma razão brasileira não existindo atualmente, precisa ser providenciada. (Cap. I pág. 09)

Estranha gente, esta. Gaba seu inimitável jeito piadístico, mas na hora das coisas culturais mergulha no escafandro greco-romano.

(Oswaldo de Andrade - cap. I pág. 10)

Mergulhado no escafandro Greco-Romano brasileiro foge de sua identidade. (Pág. 11)

No bolor do pensamento oficial, não se encontra qualquer sinal de uma atitude que assumo o Brasil e pretenda pensá-lo em nossos ternos. (Pág. 11)

O artista e o filósofo, quando fiel à sua vocação igualmente marginal, tem recebido ao longo da história o rótulo de louco. Sua loucura consiste nisto: Não é um homem "sério". (Pág. 15)

Para o oficial não importa o dito mas a maneira de se dizer dentro de padrões previamente consagrados. Expressão de uma classe privilegiada diante de uma multidão analfabeta. (Pág. 19)

"Quem escreve obras filosóficas são as elites. As elites políticas e intelectuais. O que precisa ser ressaltado é o estado de alienação em que se encontram estas elites. O desapego da realidade em volta, a falta de identidade com o povo e a preocupação incestuosa com a distinta e idealizada Europa, fizeram com que as elites políticas através de seus representantes, intelectuais e cuidando de seus interesses, ficassem inteiramente alheias à realidade brasileira. Pois a elite brasileira sempre teve horror ao que a circundava". (Sérgio Buarque de Holanda)